

LINGUASAGEM

COVID-19 E VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA: OS REFLEXOS DA PANDEMIA NA LÍNGUA

Camila Bordonal CLEMPI¹
Mirella de Souza BALESTERO²

Resumo: À luz dos pressupostos teóricos da Socioterminologia (FAULSTICH, 2001; 2002) e da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) (CABRE, 1999), objetivamos, neste trabalho, empreender uma análise da variação de termos relacionados ao coronavírus, de modo a identificar os seus possíveis usos na sociedade. Para desenvolver a pesquisa, baseamo-nos na Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2000) a fim de selecionar ocorrências na plataforma *Twitter* a partir de palavras-chave em língua portuguesa (COVID-19; pandemia; coronavírus; novo coronavírus; corona; coronga; SARS-CoV-2; coronavirus). Os resultados obtidos confirmaram a hipótese de que há variação, que foi descrita de forma aprofundada nas análises realizadas. Dessa forma, contribuimos com os estudos da linguagem e com as reflexões acerca da área estudada.

Palavras-chave: Socioterminologia; COVID-19; variação terminológica; novo coronavírus; pandemia.

Resumen: A la luz de las hipótesis teóricas de la Socioterminología (FAULSTICH, 2001; 2002) y de la Teoría Comunicativa de la Terminología (TCT) (CABRÉ, 1999), pretendemos, en este trabajo, realizar un análisis de la variación de términos relacionados con el coronavirus, señalando sus posibles usos en la sociedad. Para desarrollar la investigación, nos basamos en la Lingüística de Corpus (SARDINHA, 2000), a fin de seleccionar ocurrencias en la plataforma *Twitter* a partir de palabras clave en la lengua portuguesa (COVID-19; pandemia; coronavírus; novo coronavírus; corona; coronga; SARS-CoV-2; coronavirus). Los logros confirmaron la hipótesis de que hay variación, la cual fue descrita en profundidad en los análisis realizados. De esta manera, contribuimos con los estudios de lenguaje y con las reflexiones sobre el área estudiada.

Palabras clave: Socioterminología; COVID-19; variación terminológica; nuevo coronavirus; pandemia.

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/FCLAr (Bolsista CNPq). E-mail: camila.clempi@unesp.br.

² Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/FCLAr (Bolsista UNIVESP). E-mail: mirella.balestero@unesp.br.

INTRODUÇÃO

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), o termo “pandemia” é utilizado para se referir à disseminação mundial de uma nova doença. Em outras palavras, trata-se de uma epidemia que abrange não apenas uma região, mas sim vários continentes. A título de ilustração, podemos mencionar algumas pandemias que o mundo já enfrentou - como Peste Negra, Peste Bubônica, Gripe Espanhola - e ainda enfrenta, como a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) que começou no final de 2019, a qual tem modificado as relações de todo o mundo.

O novo coronavírus originou-se em Wuhan, na China, e consiste em um tipo de coronavírus dentre a variedade existente para essa família. A doença causada pelo SARS-CoV-2 implicou alterações sociais, econômicas, políticas e linguísticas, em que é possível notar uma mudança no sistema de saúde, nas formas de convivência (presencial ou virtual), no mercado de trabalho, na adoção de políticas públicas e no ensino.

Com relação aos impactos sociais, vale salientar que uma das consequências é a modificação (ou inserção) de usos linguísticos. De acordo com Gagliani (PERIÓDICO NEXO, 2020), “situações novas pedem palavras novas, que podem surgir a partir da criação efetiva de termos que não existiam antes ou, o que é mais comum, a partir da adaptação de expressões existentes para o contexto necessário”. Exemplo disso, nas palavras de Grillo (FOLHAPRESS, 2020), é o aumento de frequência de termos já existentes, como “quarentena”, “pandemia”, *home office* e *delivery* devido à atualização de sentidos em meio à nova realidade, bem como a entrada de termos e de suas variantes, como “coronavírus”.

Desse modo, é função do linguista descrever esses usos em diferentes níveis (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico-pragmático, discursivo) na tentativa de compreender como os termos são (re)interpretados e ressignificados pelos falantes. Nesse sentido, Godoy, linguista e professora de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, explica ao periódico Nexo (2020) que “a língua vive de reciclar sentidos” e, portanto, “diante de uma nova realidade, a reinterpretação de palavras já existentes ou a importação de termos de outras línguas são formas de descrevê-la”.

Com base nisso, temos como objetivo, neste artigo, empreender uma análise da variação de termos relacionados ao coronavírus, de modo a identificar e descrever os seus possíveis usos na sociedade em *tweet's* brasileiros publicados entre fevereiro e abril de 2020. Dessa maneira, nossa pergunta de pesquisa atende a necessidade de desvelar se há a variação do próprio termo coronavírus em nosso *corpus*. Temos como principal hipótese que no português, ao menos, dois sentidos podem ser atribuídos ao termo - doença e vírus. Além disso, consideramos que as unidades terminológicas desse campo também podem ser interpretadas de maneiras diferentes devido à emergência de um contexto pandêmico.

Para embasar a pesquisa, apoiamos-nos nos pressupostos teóricos da Socioterminologia, uma disciplina que se propõe a estudar a variação dos termos, tendo em vista que a unidade linguística é passível de variação também em contextos especializados. Segundo Faulstich (2001, p. 22) “as variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, lingüística e geográfica, faz do termo”. A partir dessa ideia, pontuamos a relevância de se fazer uma pesquisa socioterminológica na atual situação do mundo, isto é, no contexto pandêmico, haja vista que a pandemia refletiu na forma como as pessoas se comunicam e nas possibilidades de discurso.

No que se refere à coleta e ao tratamento de dados, valemo-nos da perspectiva da Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2000) e buscamos algumas unidades lexicais a partir da plataforma *Twitter*, como candidatos a termos, a saber: COVID-19; pandemia; coronavírus; novo coronavírus; corona; coronga; SARS-CoV-2; coronavirus. É importante destacar que foram selecionadas palavras usadas no cotidiano, porém com distintos aspectos de convenção da escrita, como a acentuação ou a ausência dela na ocorrência “coronavírus”.

Os *tweets* coletados, escritos em língua portuguesa, foram reunidos em um documento com a finalidade de compilarmos um *corpus*. Com isso, algumas tarefas semiautomatizadas foram realizadas com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc*³, de maneira que a análise fosse mais eficaz e eficiente.

Vale registrar que este artigo se trata de um estudo recente em meio à realidade da pandemia do novo coronavírus. Nesse sentido, as reflexões trazidas aqui são um

³ Cf. Referências.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 121-145. ISSN: 1983-6988.

recorte de uma época de emergentes pesquisas realizadas na busca de tentar compreender a doença COVID-19. Assim, os aspectos linguísticos abordados nesse contexto podem sofrer alterações e, por isso, devem ser interpretados e descritos como uma necessidade atual tanto de especialistas quanto de falantes comuns para acompanharmos o fenômeno da variação.

Nosso texto está estruturado de modo a contextualizar, num primeiro momento, o coronavírus e a COVID-19, buscando compreender brevemente a origem e a transmissão do vírus, bem como as ações públicas para combatê-lo. Em seguida, na seção Variação terminológica, trazemos algumas reflexões e contribuições de teorias para fundamentar nosso trabalho. Posteriormente, apresentamos o material utilizado para compor o *corpus* e os critérios adotados para a coleta de dados. Na Análise, descrevemos os resultados alcançados, gerados a partir da execução de tarefas terminológicas, além de apresentar os usos dicionarizados na subseção Obras lexicográficas. Por fim, expomos as primeiras discussões obtidas com o desenvolvimento da presente pesquisa e possíveis temas que ainda podem ser explorados nos próximos trabalhos.

CORONAVÍRUS E COVID-19

Os coronavírus pertencem a uma família de vírus, tal como explica o Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas (*National Institute of Allergy and Infectious Diseases* - NIH), que podem causar doenças no trato respiratório (NIH, 2020). No final do ano de 2019, um novo coronavírus, denominado cientificamente de SARS-CoV-2, foi identificado na China, mais especificamente na cidade de Wuhan na província de Hubei⁴. Pouco tempo após sua descoberta, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou surto epidêmico mundial, ou seja, uma pandemia⁵.

Causada por uma síndrome respiratória aguda, a doença do coronavírus, conhecida pela sigla em inglês COVID-19 (*Corona Virus Disease*), é altamente transmissível e provoca na pessoa infectada desde sintomas leves até sintomas graves, podendo levá-la a óbito. Abaixo, ilustramos os sinais encontrados em relação à doença:

⁴ No Brasil, o primeiro caso foi registrado em 26 de fevereiro de 2020, de acordo com informações do Ministério da Saúde (2020a).

⁵ Para mais informações científicas sobre o SARS-CoV-2, consultar Harapan *et. al.* (2020).

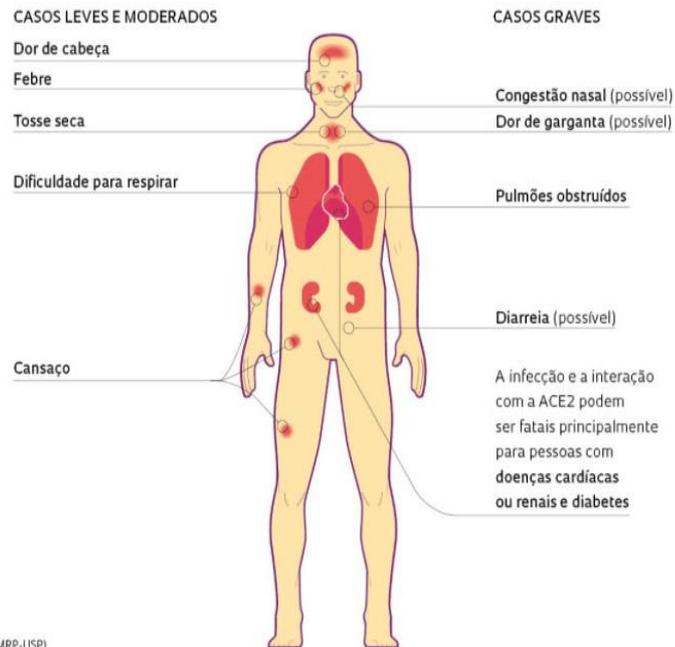
revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 121-145. ISSN: 1983-6988.

Os sinais da Covid-19

Casos LEVES febre, tosse e coriza, como um resfriado comum

Casos MODERADOS febre, mal-estar geral, dor de cabeça, tosse mais intensa e dificuldade para respirar

Casos GRAVES infecção das células nos alvéolos pulmonares. Os pulmões ficam obstruídos, dificultando a respiração. A infecção maciça das células dos pulmões e a reação inflamatória do organismo podem causar a doença respiratória grave e até a morte



FONTES: G1, NEW YORK TIMES, EDISON DURIGON (ICB-USP), EURICO ARRUDA (FMRP-USP)

Figura 1⁶: Os sinais da COVID-19

Em relação à transmissão do novo coronavírus, podemos salientar que, como se trata de um vírus descoberto recentemente e que sofre diversas mutações, as investigações sobre esse aspecto estão sendo constantemente atualizadas. Por outro lado, pesquisadores da área têm apontado as principais formas de contaminação, tais como contato próximo e/ou físico com uma pessoa infectada, tendo em vista que o vírus circula no ar e pode ser transmitido por meio de tosse, espirro, aperto de mão, gotículas de saliva, além de objetos/superfícies contaminadas (celular, maçaneta, utensílios de cozinha etc.), como esclarece o Ministério da Saúde (2020b). Para maior compreensão, trazemos a figura seguinte a respeito de como o SARS-CoV-2 entra e atua no organismo:

⁶ Fonte: PESQUISA FAPESP (2020).

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 121-145. ISSN: 1983-6988.

O Sars-CoV-2 no organismo

Transmitido por gotículas de saliva, o vírus se vale das células humanas para se multiplicar

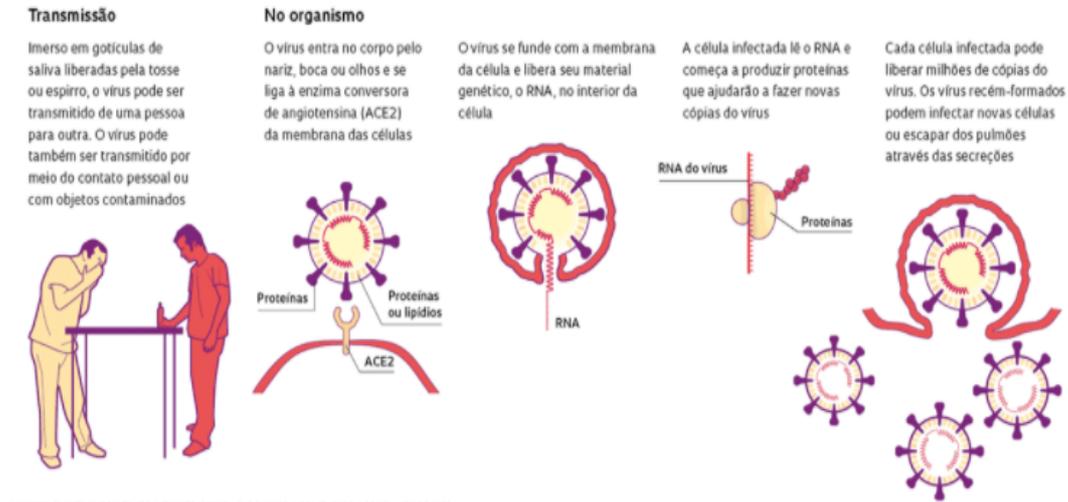


Figura 2⁷: O SARS-CoV-2 no organismo

Como modos de prevenção à doença, evitar a exposição ao vírus é o mais indicado, sendo a quarentena o método mais eficaz, além do reforço quanto aos cuidados de higiene (lavar as mãos regularmente e utilizar álcool em gel 70%, por exemplo). Somado a isso, de acordo com Harapan *et. al.* (2020, p. 671, tradução nossa), “aplicar triagem, seguir medidas corretas de controle de infecção, isolar os casos e rastrear contatos são fundamentais para limitar a propagação do vírus (...)”⁸. Para detalhar essas medidas, vejamos a Figura 3:

⁷ Fonte: PESQUISA FAPESP (2020).

⁸ “(...) applying triage, following correct infection control measures, isolating the cases and contact tracing are key to limit the further spreading of the virus (...)” (HARAPAN *et. al.*, 2020, p. 671).

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 121-145. ISSN: 1983-6988.

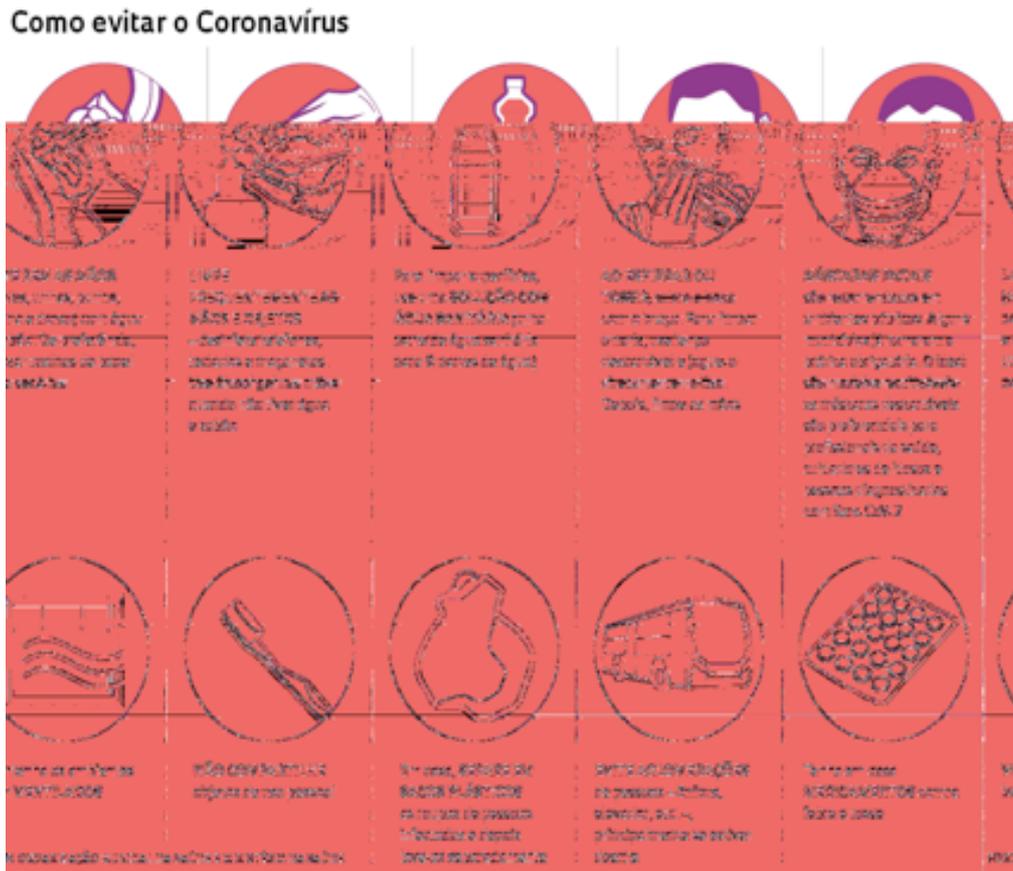


Figura 3⁹: Como evitar o coronavírus

A partir das discussões levantadas aqui, no que diz respeito à origem, ao conceito, à transmissão e às formas de precaução do vírus, notamos a relevância de se fazer um estudo de variação terminológica, na medida em que é possível estabelecer um diálogo entre o domínio estudado (o novo coronavírus) e o nosso trabalho. Logo, apresentado tal panorama, passemos à seção teórica do artigo.

Variação terminológica

Sabemos que para compreender a variação na língua, em diversos níveis, é necessário transitar pelo conceito de norma. Em conformidade com Neves (2018), podemos depreender dois sentidos ao conceito: (i) um sentido implícito, o que

⁹ Fonte: PESQUISA FAPESP (2020).

“qualquer informante escolarizado considera como o uso “normal” da língua (que representa a média de usos)” (NEVES, 2018, p. 137), isto é, o uso corrente; e (ii) um sentido explícito, sendo “aquilo que a sociedade tem como “normatizado”, regrado pelos órgãos sociopoliticamente instituídos” (NEVES, 2018, p. 137).

Já na perspectiva terminológica, norma foi entendido, por muito tempo, como “um meio regulador da boa expressão”, como pontua Faulstich (2006, p. 27), auxiliando os terminólogos na elaboração de dicionários com termos considerados “adequados” à determinada área de especialidade. A adoção desse ponto de vista, pautado na prescrição, se deve ao fato de que alguns autores desconsideraram o fenômeno da variação na análise linguística. Nesse sentido, a variação, muitas vezes, mesmo que admitida, não era reconhecida nos estudos linguísticos, e ainda era considerada uma “perturbação da unidade linguística”, como defende Wüster (1998, p. 150), por exemplo.

Em sua tese, Wüster (1931) iniciou as discussões sobre a Terminologia com base numa visão prescritivista, embora apenas em 1970 a Teoria Geral da Terminologia (TGT) tenha sido inaugurada por ele. Apesar de não ser especialista da linguagem, o autor é importante para a área, já que foi a partir de seu trabalho que a Terminologia foi reconhecida como área de estudo.

Dessa perspectiva, a língua de especialidade não pode admitir variação, o que reflete na necessidade de padronização dos termos e dos conceitos. Nesse sentido, Balestero (2019, p. 27) explica que na TGT:

(...) o termo é considerado uma unidade especializada pertencente às linguagens especializadas, ou seja, existem duas línguas (a língua comum e a língua de especialidade), a palavra representa a língua geral e o termo só existe nos domínios especializados, acessíveis apenas aos especialistas de cada área. Além disso, a teoria desconsiderava a polissemia, a sinonímia e a homonímia, não por Wüster desconhecer a variação da língua – ele dá indício de reconhecê-la –, mas, sim, porque não acreditava que tal fenômeno pudesse ocorrer nas terminologias, ressaltando que, em uma área temática, o termo deveria ser monovalente.

Se para Wüster (1998) há dois tipos de línguas, a comum e a especializada, para Cabré (1993; 1999), há contextos diferentes no interior de uma mesma língua. Além

disso, a ambiguidade, segundo a autora, é um fenômeno inerente à língua, ou seja, impossível de ser eliminada.

Verificamos, então, que a visão normativa da TGT foi criticada por não admitir a variação no âmbito das especialidades, o que implicou o surgimento de algumas teorias, dentre elas a Socioterminologia, que contrapõe a postura normativizadora e entende que “nenhuma língua é um bloco homogêneo e uniforme, mas um sistema plural, constituído de normas que evidenciam os usos reais em variação” (FAULSTICH, 1995, s. p.). Assim, nessa teoria, o termo é analisado com base no uso em contexto real da linguagem técnica.

É importante salientar que seguimos a tipologia de Cabré (1999), haja vista que a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) se mostrou adequada para a análise dos nossos dados. Ademais, Na TCT, a variação pode ser identificada a partir de dois aspectos: formal (ou denominativo) e conceitual, conforme explicamos abaixo:

- **variação denominativa:** denominações diferentes para um mesmo conceito (significado). Exemplo: Na Economia Monetária, ativo fixo, ativo imobilizado e ativo permanente são termos que significam “propriedades, bens materiais ou direitos” (NADIN; SILVA, 2008).

- **variação conceitual:** vários conceitos para um mesmo nome. Exemplo: Na Economia Monetária, a unidade terminológica ativo circulante possui dois significados: dinheiro em caixa e bens que possam ser transformados em dinheiro de forma imediata. (NADIN; SILVA, 2008).

Baseamo-nos também na perspectiva da Socioterminologia para explicar as possíveis motivações dos termos e fazer uma análise mais aprofundada das variantes.

Apresentamos, na sequência, uma linha do tempo (Quadro 1) que representa o percurso histórico da Socioterminologia como teoria e método, baseada na revisão da literatura (FAULSTICH, 1995; 2001; 2002; 2006; NADIN, SILVA, 2008; CARVALHO, FERREIRA; 2012; MARENGO, CAMBRAIA, 2016):

Década de 1970	O conceito começa a se desenvolver no Quebec na França
Jean-Claude Boulanger (1981; 1991)	Aparece pela primeira vez a denominação “socioterminologia” em 1981. ----- ----- Dá-se início, em 1991, às discussões sobre socioterminologia como uma nova corrente a partir do seu artigo <i>Un electu resócio-culturelle de la terminologie</i> .
Cabré (1993; 1999)	Apresenta uma nova concepção e compreensão da Terminologia, criando a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e indo de encontro à perspectiva tradicional de Wuster. Tem como base uma orientação funcional da linguagem, admitindo a variação.
Auger (1993)	Critica o ponto de vista prescritivo e entende a Socioterminologia como uma nova corrente.
François Gaudin (1993)	É publicada a tese de doutorado intitulada <i>Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles</i> , contemplando a propriedade da terminologia apontada para o social.
Faulstich (1995; 1998; 2001; 2002)	Primeiras discussões são feitas no Brasil a partir de 1989 com o Congresso de Bruxelas. ----- ----- Na década de 1990, a variação terminológica é reconhecida nos estudos terminológicos do Brasil. Especificamente em 1995, é criada a linha de pesquisa Léxico e Terminologia na Universidade de Brasília (UnB). ----- ----- Em 2001, é instaurada uma teoria da variação em Terminologia, que serve de modelo para as pesquisas na área e abre espaço para outros trabalhos. ----- ----- Em 2002, é criado o postulado máximo da

	Socioterminologia.
Anos atuais	As bases teórica-metodológicas já estão solidificadas, embora não sejam fixas, já que a língua é dinâmica. Desse modo, constituiu-se um amplo campo para novos estudos.

Quadro 1¹⁰: Percurso histórico da Socioterminologia

Com base nessas discussões, podemos salientar que, tal como a Sociolinguística Variacionista preocupa-se em verificar como o social reflete na língua, a Socioterminologia emerge da necessidade de se observar a linguagem especializada em uso e de se atentar aos aspectos sociais envolvidos nesse cenário. Ainda que a Socioterminologia tenha como objetivo específico a descrição de variações terminológicas, assemelhando-se, desse modo, aos princípios sociolinguísticos em relação à variação, não podemos afirmar que uma área seja derivada da outra.

A Socioterminologia é, portanto, um ramo da Terminologia, que busca identificar, descrever e sistematizar as variantes de uma unidade terminológica (FAULSTICH, 2006). Para isso, deve-se levar em consideração alguns critérios no meio social, já que o termo pode adquirir diferentes conceitos e/ou um mesmo conceito pode se referir a vários termos (FAULSTICH, 1995). Nas palavras da autora:

a diversidade de uma língua pode se efetuar em pelo menos três planos: i) Toda língua é historicamente diversificada e, dada a mudança linguística, um estado de língua no tempo 1 é diferente de um estado de língua no tempo 2. ii) Toda língua é socialmente diversificada tanto pela origem geográfica quanto pela origem social dos locutores. iii) Toda língua é estilisticamente diversificada; os locutores vão modificando sua maneira de falar de acordo com as situações sociais em que se encontram (8). (FAULSTICH, 2006, p. 29).

Dessa maneira, a pesquisa socioterminológica considera que o termo é uma unidade lexical que assume uma função dentro de determinado contexto (especializado) (FAULSTICH, 2006). Assim, devido ao seu caráter variável, a variação e a mudança consistem em fenômenos inerentes a todo tipo de situação comunicativa, seja ela comum ou especializada.

¹⁰ Fonte: elaborado pelos autores.

Com relação às variantes terminológicas, podemos elencar três classificações propostas por Faulstich (2002) em seu postulado máximo:

Concorrentes	Co-ocorrentes	Competitivas
variantes formais: (1) <u>linguísticas</u> (fonológicas, morfológicas, gráficas, lexicais e sintáticas) (2) <u>de registro</u> (geográficas, discursivas e temporais) ¹¹	Sinônimos	empréstimos

Quadro 2¹²: Tipologia da variação terminológica

De acordo com a tipologia criada por Faulstich (2002), as variantes concorrentes são variantes que podem concorrer entre si. Trata-se de variantes formais que se subdividem em duas categorias, linguísticas e de registro, e denominam um mesmo referente. Já as variantes co-ocorrentes consistem em unidades sinônimas, ou seja, são duas ou mais denominações para o mesmo referente. A última tipologia - variantes competitivas - refere-se aos empréstimos, em que as unidades podem ser usadas com a mesma grafia da língua original ou decalcada na língua de chegada.

De modo particular, sobre as variantes concorrentes, é relevante destacar as suas especificidades no que se refere à subcategoria linguística:

- 1) Variante terminológica fonológica: aquela em que o registro se apresenta como formas decalcadas da fala;
- 2) Variante terminológica morfológica: aquela que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que o conceito sofra alteração;
- 3) Variante terminológica sintática: aquela que alterna duas construções sintagmáticas que funcionam como predicação de uma unidade terminológica complexa;
- 4) Variante terminológica lexical: aquela em que algum item da estrutura lexical de uma unidade terminológica complexa sofre apagamento, no entanto o conceito não sofre qualquer tipo de alteração;

¹¹ A variante geográfica e temporal não comporão a análise dos dados - por nosso *corpus* ser sincrônico e por não termos dados disponíveis quanto ao local do informante.

¹² Fonte: elaborado pelos autores.

5) Variante terminológica gráfica: aquela que se apresenta sob forma gráfica diversificada se tomamos em conta os acordos formais de convenções da língua (FAULSTICH, 2002, p. 81-82).

Ainda de acordo as variantes concorrentes, Faulstich (2002, p. 82-83) afirma que a subcategoria de variantes de registro é subdividida em:

- 1) Variante terminológica geográfica: aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes lugares em que se fala a mesma língua;
- 2) Variante terminológica de discurso: aquela que ocorre no plano vertical e decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre enunciador e enunciatário de textos técnico-científicos, podendo ser estes mais ou menos formais;
- 3) Variante terminológica temporal: aquela que se configura como preferida no processo de variação e mudança, em que duas ou mais formas concorrem durante um tempo, até que uma delas se fixe como preferida.

Feita as reflexões acerca da variação terminológica, trazemos, na sequência, os critérios adotados para a coleta e análise dos dados.

Materiais e métodos

Para embasar nosso trabalho, mobilizamos a metodologia proposta por Sardinha (2000) no que se refere à Linguística de *Corpus*, área que:

[...] ocupa-se da coleta e exploração de *corpora*, ou conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador” (SARDINHA, 2000, p. 325).

Num primeiro momento, então, foram selecionados *tweets* brasileiros a partir do mecanismo de “busca avançada”, disponível na plataforma digital *Twitter*.

Alguns procedimentos adotados para a coleta de dados foram: (i) escolha de candidatos a termos da área (coronavírus, coronavirus, novo coronavírus, corona, coronga SARS-CoV-2, COVID-19, pandemia); (ii) recorte temporal, que abrange os meses de fevereiro a abril de 2020 (26/02¹³ a 29/02, 01/03 a 31/03, 01/04 a 30/04), momento em que a pandemia estava em seu início, como um meio de delimitar o

¹³ A data inicial do nosso *corpus* corresponde à data em que o primeiro caso do Brasil foi identificado. revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 121-145. ISSN: 1983-6988.

corpus; (iii) busca pelos candidatos a termos; (iv) seleção de dez ocorrências de *tweets* mais recentes de cada mês; (v) limpeza do *corpus*, em que foram excluídos os nomes e @ dos usuários, as datas de publicação, os links e as imagens; (iv) conversão do documento do *corpus* de .docx para o formato .txt; e (v) análise do *corpus*.

Quanto à busca de palavras, alguns critérios foram estabelecidos, a saber:

- Coleta do termo a partir da ferramenta “todas as palavras” no buscador do *Twitter*;
- Os termos sempre foram acompanhados da palavra “Brasil”, de modo a especificar a busca em português;
- A ausência ou a presença de elementos gramaticais (pontuação) e/ou de convenções de escrita (acentuação, ortografia, letras maiúsculas e minúsculas) foram considerados, como é o caso dos termos coronavírus/coronavirus, uma vez que se configura como um aspecto importante para diferenciar as unidades lexicais e, desse modo, analisar a variação terminológica;
- O conteúdo das hashtags foi considerado como dado em nosso *corpus*.

Para fins ilustrativos, a Figura 4 apresenta o modo como extraímos os dados pelo *Twitter*:

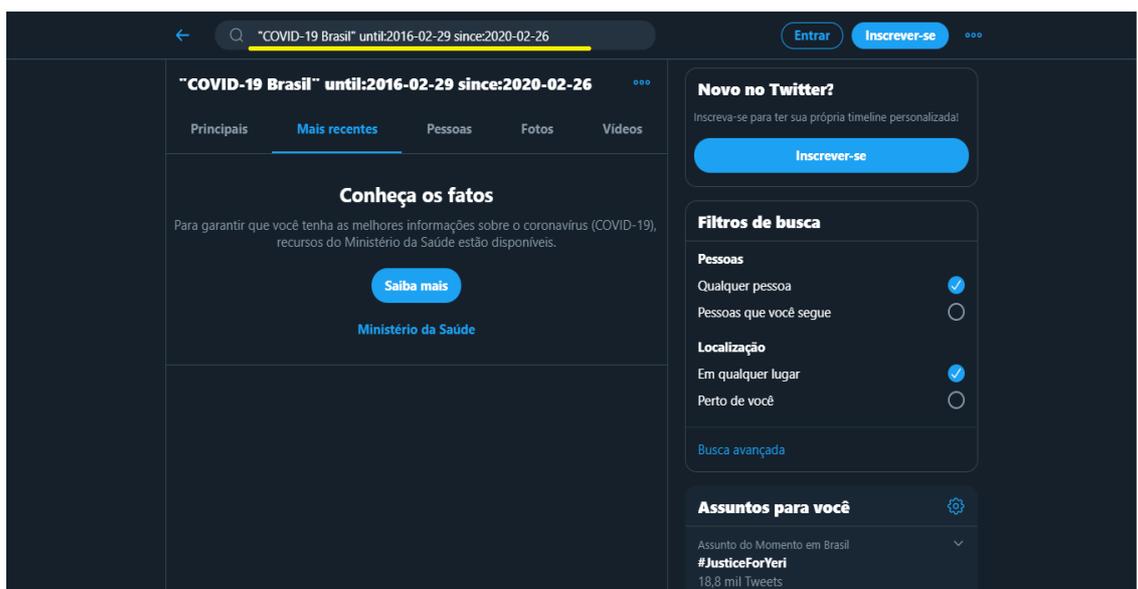


Figura 4¹⁴: Mecanismo de busca de palavras no *Twitter*

Também sobre a coleta de dados, algumas observações são importantes. Apesar de no mês de fevereiro termos um espaço de tempo menor em comparação a outros meses, ainda assim foram selecionados dez excertos. Além disso, a busca por “COVID-19 Brasil” no mês de fevereiro não gerou nenhum *tweet*.

Ainda em relação à “COVID-19 Brasil”, no mês de fevereiro, percebemos que, ao buscar o termo “pandemia Brasil”, havia, sim, ocorrências do termo anterior. No entanto, não havia a combinação “COVID-19” e “Brasil”. Por essa razão, optamos por subtrair Brasil e buscar, no mês referente, somente “COVID-19”, abrindo uma exceção ao nosso critério estabelecido inicialmente.

Assim, como uma decisão metodológica, selecionamos ocorrências do mês de fevereiro apenas em *tweets* do/no Brasil. Outra observação é que, em casos específicos, um mesmo *tweet* continha dois termos, mesmo que a busca fosse de um termo apenas.

O *corpus* deste trabalho contém 240 textos (*tweets*) e 3166 palavras (entendidos, aqui, como elementos separados por espaços em branco). Para a análise, os dados foram quantificados com o auxílio da ferramenta computacional *Antconc* 6.0, a fim de gerarmos candidatos a termos e verificarmos os respectivos contextos de uso para identificar e observar a variação. Antes de gerar os dados, rodamos, no programa, uma *stopword list* para excluir as palavras gramaticais (ou palavras que, por alguma razão, devem ser ignoradas na execução das tarefas). Dessa forma, os resultados são mais claros e eficazes para a análise, conforme pode ser verificado adiante.

Análise

Faz-se mister, de início, mencionar que os candidatos a termos selecionados no início da pesquisa foram validados como termos da área por meio do *corpus*. Neste momento, em que fazemos a análise do trabalho, obtivemos a confirmação de que essas unidades terminológicas são realmente utilizadas pelos especialistas e, conforme a tabela 1, possuem uma alta frequência de uso. São elas:

UNIDADE TERMINOLÓGICA	FREQUÊNCIA NO <i>CORPUS</i>
-----------------------	-----------------------------

¹⁴ Fonte: elaborada pelos autores.

COVID-19	46
PANDEMIA	44
NOVO CORONAVÍRUS	39
CORONAVÍRUS	34
CORONGA ¹⁵	34
SARS-COV-2	31
CORONA	29
CORONAVIRUS	16

Tabela 1¹⁶: Frequência de unidades terminológicas no *corpus*

Sobre os resultados dispostos na tabela, é necessário esclarecer alguns pontos. Em primeiro lugar, os termos “SARS-CoV-2”¹⁷, “COVID-19” e “novo coronavírus” consistem em *n-gramas* compostos por mais de um elemento, o que implica um método diferente para buscar sua frequência, ou seja, enquanto as demais unidades foram analisadas por meio da aba *Word List*, os termos aqui mencionados foram verificados em *Clusters/N-Grams*.

Em linhas gerais, o termo de maior frequência em nosso *corpus* foi “COVID-19”, com 46 ocorrências, seguido de “pandemia” (44 ocorrências), “novo coronavírus” (39 ocorrências), “coronavírus” (34 ocorrências), “coronga” (34 ocorrências), “SARS-CoV-2” (31 ocorrências), “corona” (29 ocorrências) e, por fim, “coronavirus” (16 ocorrências).

Com base nos dados do *Antconc* e na perspectiva teórica-metodológica da Teoria Comunicativa da Terminologia e da Socioterminologia, conseguimos identificar o fenômeno da variação e suas variantes terminológicas nos termos relacionados ao novo coronavírus.

Verificamos, assim, que há dois tipos de variação: a variação denominativa (em que há denominações diferentes para o mesmo conceito) e a variação conceitual (há

¹⁵ A unidade lexical pode estar acompanhada do elemento ‘vírus’, já que é uma variação do termo ‘corona’. Este, por sua vez, é uma abreviação de ‘coronavírus’, tal como explicaremos em nossa análise.

¹⁶ Fonte: elaborada pelos autores.

¹⁷ Dada a especificidade do *corpus*, buscamos por “SARS CoV” a partir da função *n-grams*, uma vez que esse termo foi encontrado de diferentes modos: *sars-cov*, *sars_cov* etc.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 121-145. ISSN: 1983-6988.

diferentes conceitos para a mesma denominação). Em relação ao primeiro caso, o termo coronavírus abrange as seguintes variantes: “corona”, “coronga”, “coronavirus”, “novo coronavírus” e “SARS-CoV-2”. Em outras palavras, temos um único conceito - coronavírus - para seis nomes distintos. Já o segundo tipo de variação foi reconhecido na unidade COVID-19, pois notamos que esse termo pode ser antecedido por substantivo masculino ou feminino, referindo-se a conceitos diferentes.

Vejamos, então, como se deu a variação terminológica de forma mais detalhada.

A. Variação denominativa: variantes de coronavírus

corona

variante concorrente: trata-se de uma variante linguística (nível lexical), por ser uma abreviação, ou seja, uma redução de “coronavírus”¹⁸.

- (1) “A gente ã tem ideia, o corona ainda ã tem nem 3 meses”.

coronga

variante concorrente: trata-se de uma variante linguística (nível fonológico) e de uma variante de registro (nível discursivo), uma vez que é usada em contextos mais informais¹⁹.

- (1) “Agora que o coronga vírus chegou aqui no Brasil temos que ter cuidado”.

coronavirus:

variante concorrente: trata-se de uma variante linguística (nível gráfico) e refere-se, portanto, a uma convenção de escrita, em que a diferenciação das duas unidades está apenas na ausência ou na presença do acento gráfico.

- (2) “48 horas após primeiro caso confirmado no Brasil, servidores públicos sequenciam genoma do coronavirus”.

¹⁸ Os trechos para exemplificação foram inseridos aleatoriamente neste texto. Além disso, cabe esclarecer que a transcrição é fidedigna aos *tweets* originais.

¹⁹ Sobre a utilização de coronga em contextos mais informais, consideramos a necessidade de se realizar estudos mais detalhados sobre o assunto.

novo coronavírus:

variante co-ocorrente: trata-se de uma sinonímia.

No entanto, apesar de no *corpus* haver ocorrências deste termo, entendidos como equivalentes de coronavírus, estudos especializados da área (cf. seção Coronavírus e COVID-19) afirmam que o novo coronavírus é um tipo recente de coronavírus. Nesse sentido, a unidade terminológica aqui analisada poderia ser explicada também como resultado de economia linguística, isto é, quando ocorre a simplificação de uma palavra (morfofonologicamente, por exemplo), que se justifica pelo menor esforço de comunicação.

- (3) “O Comitê Judeu Americano pediu que o ministro das Relações Exteriores peça desculpas por publicar um artigo que compara isolamento social **do novo coronavírus** a campos de concentração nazista”.

SARS-CoV-2:

variante co-corrente: trata-se de uma sinonímia.

- (4) “O sequenciamento do SARS-CoV-2 isolado no Brasil foi compartilhando em tempo real com a comunidade científica internacional ENQUANTO ainda estava sendo sequenciado! Parabéns aos pesquisadorxs! Um show de responsabilidade e comprometimento com a ciência e saúde mundial”.

Também podemos discutir sobre os diferentes modos de escrita, qual seja “Coronavírus” ou “coronavírus”, que se refere a uma variante gráfica em que há diferenciação entre letra maiúscula e minúscula no início da palavra. Como a ferramenta computacional utilizada - *AntConc* - não faz essa diferenciação, optamos por não quantificar essa variante. Não obstante, é válido ressaltar que, na comunidade científica, usa-se mais frequentemente a ocorrência com letra maiúscula.

B. Variação conceitual - variante de COVID-19

(o) ou (a) COVID-19

variante concorrente: variante morfológica e sintática, uma vez que a estrutura com o artigo feminino ou com o artigo masculino designa dois diferentes conceitos - doença e vírus, respectivamente.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 121-145. ISSN: 1983-6988.

- (5) “Precisamos constatar a realidade da pandemia da **COVID-19** no Brasil e no mundo. Ao deixarmos de vislumbrarmos a realidade, corremos o risco de negligenciarmos os cuidados básicos para o combate do coronavírus e até relaxarmos nossas ...+”
- (6) Devido a pandemia do **COVID 19** que tem assustado todo o mundo, juntamente com o @sslucs decidimos criar um app que trouxesse as informações atuais sobre os casos que vem sendo descobertos no Brasil.

É interessante mencionar que a variação do termo “COVID-19” ocorre em 17 dados de 46 ocorrências, sendo 7 com o artigo feminino, indicando doença, e 10 com o artigo masculino, indicando vírus. Embora o uso do termo acompanhado de “o” tenha sido verificado em nosso *corpus*, é inadequado no meio científico, posto que COVID-19 é uma sigla em língua inglesa que significa *Corona Virus Disease*.

O restante dos dados de “COVID-19” (29) são ocorrências que estão entre parênteses, com *hashtags* ou antecedidas por preposições (por, de):

- (7) “Sinceramente queria entender que o Felipe Neto quer que o presidente eleito do Brasil faça chore ou ressuscite os mortos. Agora o arrombado do Felipe Neto Não reclama da China que propagou o coronavírus(**COVID-19**) pelo mundo”.
- (8) #Brasil registrou o primeiro caso de #**COVID-19** - #coronavírus”.
- (9) “O Ministério da Saúde divulgou nesta segunda-feira (30) o mais recente balanço nacional sobre os casos de **Covid-19**, doença causada pelo coronavírus Sars-Cov-2. #coronavírus #covid19 #Brasil #ministériodasaúde”

Alguns dados, como os exemplificados acima, podem ser ambíguos, de modo que podem ser analisados ora como doença ora como vírus. Algumas hipóteses foram por nós construídas em relação a usos como esse: (i) desconhecimento do significado do termo, utilizando-o como sinônimo de coronavírus, como em (7) e (8); e (ii) conhecimento do significado do termo, mas sem especificação dele, como em (9).

Por fim, uma observação final é que essa variação ocorre com o termo “COVID-19”, contudo, o mesmo não é verificado com os termos “coronavírus”, “corona” ou “coronga”, por exemplo. Não há a variação de artigo feminino/masculino, sendo apenas usual o tratamento com o artigo masculino, embora seja possível que, por meio do contexto, verifiquemos o uso do termo para designar não somente o vírus, como também a doença, tratando-se de uma variação conceitual:

- (10) “Bicho...eu fico indignado, a pessoa tá com corona, mas tá postando vídeo fumando beck com os outros e dando rolê, a noção passou foi longe”.
- (11) “O ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, descartou a hipótese de o Brasil limitar o ingresso de estrangeiros no Brasil como forma de tentar dificultar a disseminação do vírus SARS-CoV-2, causador do novo coronavírus (Covid-19).”

Em relação à “pandemia”, conforme análise de nosso *corpus*, podemos atestar que esse termo não sofre variação. Todavia, “pandemia” pode vir acompanhado de outras unidades terminológicas que estão em variação, como “COVID-19”:

- (12) “Precisamos constatar a realidade da pandemia da COVID-19 no Brasil e no mundo. Ao deixarmos de vislumbrarmos a realidade, corremos o risco de negligenciarmos os cuidados básicos para o combate do coronavírus e até relaxarmos nossas ...+”.
- (13) “Devido a pandemia do COVID 19 que tem assustado todo o mundo, juntamente com o @ssluc decidimos criar um app que trouxesse as informações atuais sobre os casos que vem sendo descobertos no Brasil”.

A seguir, apresentamos um quadro síntese de nossa análise:

VARIAÇÃO	TIPOS DE VARIANTES	TERMOS
denominativa (coronavírus)	<p>concorrente</p> <p>(i) linguística lexical fonológica gráfica</p> <p>(ii) de registro discurso</p> <p>co-ocorrente</p>	<p>corona coronga coronavírus</p> <p>coronga</p> <p>novo coronavírus SARS-CoV-2</p>
conceitual (covid-19)	concorrente	<p>a/o covid-19 a/o corona/coronga/coron avírus</p>

Quadro 3²⁰: Síntese da análise - Variação dos termos selecionados

²⁰ Fonte: elaborado pelos autores.

A fim de complementar a análise, trazemos as definições dos termos selecionados em dicionários na subseção seguinte.

Obras lexicográficas

Os termos foram pesquisados em três obras lexicográficas - Houaiss (2020), Michaelis (2020) e Aurélio (2020) - a fim de verificar se a palavra está dicionarizada e, se sim, qual sua definição. Tomamos como critério selecionar dicionários *online*, haja vista que são atualizados com maior frequência. Destacamos que no dicionário Michaelis, foram identificadas a palavra “pandemia”²¹ e “corona”. Vale pontuar que apesar de o termo “corona” estar dicionarizado nessa obra, ele apresenta um sentido diferente do que está em nosso *corpus*.

A partir da pesquisa feita no dicionário Houaiss, importantes discussões foram levantadas. O termo “COVID-19” apresenta dois gêneros: é substantivo masculino quando se refere à cepa de coronavírus, causadora de uma doença infecciosa (HOUAISS, 2020), e é substantivo feminino quando se trata da infecção por ele causada (HOUAISS, 2020). Já o dicionário Aurélio (2020), reconhece apenas a COVID-19 como uma síndrome, classificando o termo como um substantivo feminino.

Notamos, portanto, que o Houaiss (2020) já reconhece a variação conceitual relacionada à COVID-19, em que há dois sentidos: a doença e/ou o vírus. Esse dado é fundamental para confirmar a hipótese do nosso artigo, uma vez que o dicionário tem a função de registrar o repertório lexical de determinada época, na medida em que também atualiza, por meio do léxico, a cultura e a história de uma comunidade. Por outro lado, “coronavírus” é entendido apenas como o vírus causador da doença COVID-19, classificada morfologicamente como substantivo masculino.

Há alguns apontamentos com relação às variantes do termo “coronavírus”. A partir das obras lexicográficas selecionadas, vimos que a grafia correta da palavra é com acento gráfico; logo, “coronavirus” não foi registrado. Além disso, notamos que a unidade “corona” está dicionarizada no Houaiss com um significado diferente do abordado aqui, assim como ocorreu no Michaelis. Nesse sentido, parece-nos que as

²¹ Esta palavra ocorre também nas outras obras lexicográficas (Houaiss e Aurélio).

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 121-145. ISSN: 1983-6988.

obras mencionadas, até o momento, não reconhecem, ainda, “corona” como variante de “coronavírus”.

Convém ressaltar que o dicionário Aurélio também apresenta algumas acepções de “corona”, cujos sentidos não abarcam o vírus causador da COVID-19. No entanto, há uma observação, feita pelo próprio lexicógrafo, dentro de Informações Relevantes, reconhecendo a palavra “corona” como uma forma reduzida de “coronavírus”.

Já “coronga” tem seu uso registrado no Aurélio (2020). Todavia, não aparece como uma acepção, mas como uma dúvida de português, na aba Uso Popular, em que é evidenciada a variação do termo “coronavírus”.

Por último, “SARS-CoV-2” não foi encontrado em nenhum dicionário. Entretanto, ao buscar o termo SARS-CoV, o Houaiss detecta a ocorrência como uma composição de duas palavras. *SARS* está classificado como substantivo feminino e consiste em uma abreviatura de *Severe acute respiratory syndrome* (Síndrome respiratória aguda grave) (AURÉLIO, 2020), e *CoV* está definido por meio da consulta de outras fontes, podendo ser, entre outras definições, um composto orgânico.

Primeiras discussões

Neste trabalho, tomamos como objetivo identificar e analisar a variação de termos relacionados ao coronavírus. A partir, então, da perspectiva teórica-metodológica da Socioterminologia e da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), obtivemos dados importantes para confirmar a nossa hipótese sobre a variação.

Ao total, foram selecionados oito termos da área, embora tenha sido identificado o fenômeno da variação em sete, são eles: COVID-19, novo coronavírus, coronga, SARS-CoV-2, corona, coronavirus.

Com isso, observamos que os termos são unidades passíveis de variação, isto é, podem ocorrer nomes diferentes para um mesmo conceito ou mais de um conceito para a mesma denominação (CABRÉ, 1999). Dessa forma, pontuamos a relevância de se fazer um estudo terminológico com foco na variação do termo, sobretudo com relação à atual situação pandêmica, posto que surgiram unidades terminológicas para dar conta ao novo cenário. Logo, devemos, como linguistas, descrever os fenômenos da linguagem, bem como o fenômeno da variação, identificando as possíveis variantes de uma variável, a fim de não negligenciar o que está ocorrendo na língua e na sociedade.

Como são muitos os tipos de variantes, precisamos nos atentar às questões que corroboram para que uma variação aconteça. Segundo Faulstich (2001, p. 22), “as variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica, faz do termo”. A autora ainda pontua, em outro momento (FAULSTICH, 2006), a importância de descrever e registrar a variação, porque os termos e suas variantes devem ser levados em consideração na elaboração de produtos terminográficos.

É importante salientar que a pandemia do novo coronavírus parece trazer mais perguntas do que respostas, na medida em que percebemos, por meio do *corpus*. Como possíveis desdobramentos deste estudo, é possível realizar análises de alguns fatores sociais, variantes geográficas e temporais, para se verificar mais atentamente a variação dos termos aqui selecionados. E ainda, podem ser aprofundadas as pesquisas sobre fonologia (como surgiu a palavra “coronga”, por exemplo), morfossintaxe, lexical (estudos sobre a palavra e a elaboração de dicionários gerais ou especializados), entre outras.

A partir das questões levantadas neste artigo, mais concretamente sobre a problemática da variação na terminologia do novo coronavírus, reforçamos a necessidade desta pesquisa, dado, também, que tocamos em um tema recente (e atual). Desse modo, os dados obtidos e as reflexões feitas contribuem para a descrição da área estudada, bem como para os estudos linguísticos, de modo geral, e terminológicos. Portanto, sem a pretensão de encerrar as discussões sobre o assunto, reconhecemos que o campo, ainda em aberto, está passível de transformações, o que pode gerar alterações na língua, sobretudo no léxico.

REFERÊNCIAS

ANTCONC. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em 17 de novembro de 2020.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

_____. **La terminología**: representación y comunicación - elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada - Universitat Pompeu Fabra, 1999.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 121-145. ISSN: 1983-6988.

CARVALHO, F. M.; FERREIRA, A. M. A. Da sociolinguística à socioterminologia: definindo conceitos

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, n. 5, 2012.

FAULSTICH, Enilde. **Socioterminologia**: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, 1995, p. 281-287.

_____. **Variação terminológica**: algumas tendências no português do Brasil. In: *Cicle de conferencies 96-97: Lèxic, corpus i diccionaris*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.

_____. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. *Tradterm*, São Paulo, n. 7, 2001, p. 11-40.

_____. **Variación em terminologia**: aspectos de socioterminologia. In: RAMOS, Gloria Guerrero; PÉREZ LAGOS, Manuel Fernando. (Coord.). *Panorama actual de la terminología*. Granada: Comares, 2002. p. 65-91.

_____. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n.2, 2006, p. 27-31.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Online do Português**. 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em: 14 novembro de 2020.

FOLHAPRESS. Entenda como o coronavírus pode mudar até nosso jeito de falar português. 04 maio 2020. **NSC Total**. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/entenda-como-o-coronavirus-pode-mudar-ate-nosso-jeito-de-falar-portugues>. Acesso em: 14 novembro de 2020.

HARAPAN, H. *et. al.* Coronavirus disease 2019 (COVID-19): A literature review. **Journal of Infection and Public Health**, v. 13, 2020, p. 667-673.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss**. 2020. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 14 novembro de 2020.

MARENGO, S. M. D. A.; CAMBRAIA, C. N. Estudo socioterminológico da variação/mudança em manuscritos militares dos séculos XVIII e XIX. **Interdisciplinar**, ano XI, v. 24, jan./abr, 2016, p. 203-224.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Editora: Melhoramentos Ltda. Acesso em: 14 novembro de 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Primeiro caso de Covid-19 no Brasil permanece sendo o de 26 de fevereiro**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-fevereiro>. Acesso em 14 de novembro de 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus**: o que você precisa saber. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em 14 de novembro de 2020.

NADIN, O. L.; SILVA, M. M. A. . Variação terminológica no Português do Brasil: exemplos do contexto da Economia Monetária. In: VIII Encontro do CELSUL - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, 2008, Porto Alegre. **Anais do VIII Encontro do CELSUL**. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2008. v. 01. p. 01-13.

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Unesp, 2018.

NIH. **Coronaviruses**. Disponível em: <https://www.niaid.nih.gov/diseases-conditions/coronaviruses>. Acesso em 14 de novembro de 2020.

PERIÓDICO NEXO. **Como a pandemia expandiu nosso vocabulário**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/12/Como-a-pandemia-expandiu-nosso-vocabul%C3%A1rio>. Acesso em 14 de novembro de 2020.

REVISTA PESQUISA FAPESP. **Guia Covid-19**: Uma guia do novo coronavírus. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/um-guia-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 14 novembro 2020.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Tradução de Anne-Cécili Nokerman. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.

Submetido em: 19/11/2020.

Aprovado em: 05/01/2022.

Como referenciar este artigo:

CLEMPI, Camila Bordonal; BALESTERO, Mirella de Souza. COVID-19 e variação terminológica: os reflexos da pandemia na língua. **revista Linguagem**, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021. p. 121-145.